

Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.125 / AGOSTO DE 2017

DOCUMENTÁRIO - ESTREIA
**GILBERTO MENDES
E A MÚSICA NOVA**

CURTA-METRAGEM
EPISÓDIOS INÉDITOS DA SÉRIE
DIFERENTE COMO TODO MUNDO

MÚSICA
TRIO APPASSIONATA LEVA CANÇÕES
FOLCLÓRICAS À MÚSICA DE CÂMARA



ÍNDIOS EM MOVIMENTO



agosto e setembro
sextas, às 23h



Foto: Renato Soares

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

índice

DESTAQUES

- 4 Tradição e vanguarda
- 6 Redescobrimos sons e ideias
- 7 Um mundo de sensações
- 7 A vulnerabilidade do herói

ENTREVISTA

- 8 Vincent Carelli:
Cinema nas aldeias

ARTIGO

- 12 Gilberto Mendes e a
Música Nova

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Foto de capa: Gilberto Mendes

Crédito: Marcos Piffer

editorial

Herança e Cultura

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

A música é uma das manifestações mais típicas e importantes de nossa cultura. Potente e flexível, ela tem a capacidade de versar entre o popular e o erudito e de transportar e desenvolver sensações e sentimentos a todos.

A música clássica europeia foi a primeira a desembarcar no Brasil, trazida pela corte portuguesa. Já a música erudita brasileira só ganhou força com a obra de Heitor Villa-Lobos, a partir de 1922. Sua produção, no entanto, caiu no ostracismo durante o período de ditadura militar, e se recuperou apenas com o surgimento de festivais emblemáticos, como o Festival Música Nova, criado pelo maestro Gilberto Mendes.

Para homenagear o festival e seu criador, o SescTV estreia este mês o documentário *Gilberto Mendes e a Música Nova*, dirigido por Marcelo Machado, com depoimentos de representantes da música instrumental e trechos de algumas das peças de Mendes. O concerto *Música Atemporânea*, gravado no Sesc Santos em 2017, também celebra a obra do compositor brasileiro e tem regência do maestro norte-americano Jack Fortner.

Ainda na faixa musical, o canal exhibe o concerto do Trio Appassionata, gravado no Sesc Santana durante o Festival Sesc de Música de Câmara, em 2016. A série Diferente Como Todo Mundo traz os curta-metragens *O Branco*, dirigido por Ângela Pires e Líliliana Sulzbach, e *Herói*, com direção de João Pedone e Pedro Figueiredo.

A Revista do SescTV entrevista o cineasta e indianista Vincent Carelli, que fala sobre sua trajetória à frente do Projeto Vídeo nas Aldeias e sua produção para o cinema. O artigo do documentarista Marcelo Machado comenta a importância do Festival Música Nova, que serviu como vitrine para a música contemporânea brasileira. Boa leitura! ●

Envie sua opinião, crítica
ou sugestão para:

atendimento@sescsp.org.br

Tradição e Vanguarda

Pioneiro da música erudita experimental no Brasil, o maestro e compositor Gilberto Mendes deixou uma obra que influencia gerações



Gilberto Mendes e o Festival Música Nova

┌
Durante os primeiros séculos de colonização portuguesa no Brasil, a música erudita no país era restrita aos espaços das igrejas. A chegada de D. João VI e sua corte trouxe esse estilo musical para os trópicos, provocando uma mudança cultural nas terras brasileiras que até então só conheciam canções populares. Com a popularização da música erudita no século XIX, as apresentações de tenores italianos nas salas de concertos eram

predominantes no Brasil e no mundo.

A música erudita brasileira obteve reconhecimento após a obra de Heitor Villa-Lobos que ganhou notoriedade, em 1922, e permaneceu em destaque por quase 30 anos. Com o início da ditadura militar, na década de 60, a composição de música erudita influenciada por outros ritmos deixou de ser incentivada.

É nesse contexto que surge o Festival de Música

SESCTV EXIBE DOCUMENTÁRIO INÉDITO *GILBERTO MENDES E A MÚSICA NOVA*, SOBRE AS INFLUÊNCIAS DA MÚSICA ERUDITA NO BRASIL.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Nova, criado em 1962 pelo músico Gilberto Mendes, cujo objetivo era projetar a música brasileira para o mundo. “Gilberto sentiu a necessidade de representar seu país com uma música mais atual”, conta a musicista e amiga do maestro, Cristina Motta. Nesse período, a bossa nova uniu-se ao erudito de forma inovadora. “Esse movimento foi muito importante para todos os músicos; houve um resgate do nacionalismo

musical, que tinha sido esquecido depois da era de Villa-Lobos”, reforça.

Nascido em 13 de outubro de 1922, o compositor paulista Gilberto Mendes foi um dos pioneiros da música experimental no Brasil. Aos 18 anos ele começou seus estudos no Conservatório Musical de Santos. Compôs sob orientação de Cláudio Santoro e Olivier Toni. Na década de 1950 viajou para a Alemanha, onde estudou composição e teve aulas com Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen. “A música dele é muito interessante porque reúne vários estilos. Diferentes instrumentos sobressaíam e voltavam, terminando as composições de maneira suave”, descreve o maestro Jack Fortner, parceiro de composições e amigo de Mendes.

De volta ao Brasil, além de criar o Festival Música Nova, o músico lecionou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Entre suas peças destacam-se *Nasce-Morre*, *Beba Coca-Cola* e *Ulysses* em Copacabana. “Há partes em *Ulysses* que são compostas por dodecafônicos, ou uso de 12 notas, misturados à bossa nova e a vários outros estilos em uma mesma peça”, explica Fortner.

Para o jornalista e cineasta Marcelo Machado, Gilberto Mendes abriu as portas da música do nosso tempo. “Com o Festival Música Nova, ele mostrou que província e metrópole são noções ultrapassadas, que o experimental pode não ser de vanguarda e que a inovação era o compromisso de uma vida”, explica. Machado dirigiu o documentário *Gilberto Mendes e a Música Nova*, gravado em janeiro de 2017, no Sesc Santos, durante o lançamento do álbum Festival Música Nova, realizado pelo Selo Sesc. A produção em homenagem ao artista estreia este mês no SescTV junto ao concerto Música Atemporânea, exibido na sequência. Sob a regência do maestro norte-americano Jack Fortner, o repertório relembra a obra de Mendes e o Festival Música Nova. ●



DOCUMENTÁRIO:
GILBERTO MENDES E A MÚSICA NOVA
DIA 5, 22H.

Direção: Marcelo Machado.

Classificação: Livre.



CONCERTO:
MÚSICA ATEMPORÂNEA
DIA 5, 23H.

Direção: Marcelo Machado.

Classificação: Livre.



Assista ao *teaser* do documentário *Gilberto Mendes e a Música Nova*





FOTO: DIVULGAÇÃO

Redescobrimo sons e ideias

Canções folclóricas e música erudita compõem repertório inovador no cenário da música de câmara mundial

“Eu acredito que grandes obras de arte resistem ao tempo e a interpretações diferentes. Ao resgatar uma composição, podemos descobrir novas possibilidades de sons e ideias”, conta Lydia Chernicoff. Em 2007, a violinista norte-americana fez uma apresentação de música de câmara acompanhada pela violoncelista espanhola Andrea Casarrubios e o pianista brasileiro Ronaldo Rolim, no conservatório musical Peabody, em Baltimore, Estados Unidos. “Nós estávamos todos estudando lá, e juntaram-nos como um conjunto de música de câmara.”, explica Lydia.

Andrea Casarrubios, Ronaldo Rolim e Lydia Chernicoff formaram o Trio Appassionata. Quando se ouvem o clássico “Trio Fantasma”, composto por Beethoven,

obra ritmicamente intensa, e o folclórico “Trio Brasileiro”, de Oscar Lorenzo Fernández, com a canção “Sapo Cururu” e outras composições relacionadas a cultura brasileira, percebe-se a profundidade e abrangência da pesquisa realizada pelos músicos ao compor seu repertório. “Queremos mostrar que o folclore pode, sem preconceito, ser incorporado pela música de concerto”, afirma Ronaldo Rolim.

Com releituras que propõem arranjos e interpretações diferentes para as composições, o Trio Appassionata já se apresentou na China, nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. O SescTV exibe seu encontro inédito com o público brasileiro, ocorrido em dezembro de 2016, no Sesc Santana, durante o Festival Sesc de Música de Câmara. ●



TRIO APPASSIONATA
DIA 30, ÀS 22H.
Direção para TV:
Daniela Cucchiarelli
Classificação: Livre

FOTO: DIVULGAÇÃO



Um mundo de sensações

DIA 30, 21H. Diferente Como Todo Mundo: *O Branco*.
Direção: Angela Pires e Liliana Sulzbach.
Classificação: Livre.

“De que cor é o sol?”. Essa é a pergunta que Fred sempre faz ao pai. Cego, o garoto vive em um mundo onde o que determina os dias da semana não é um calendário, mas a rotina de sons, ações e sensações. O silêncio e o cheiro do café que fica pela casa, logo quando sua mãe sai para fazer entregas, indicam as segundas-feiras. Às terças, bem cedo, sua irmã leva o bebê para a avó cuidar, e vai trabalhar. Toda quarta e sexta é dia de feira. Às quintas, as freguesas de sua mãe experimentam as roupas que vão ser entregues na semana seguinte. Mas Fred gosta mesmo é dos sábados, dia de ir ao parque. Lá, ele se senta sempre no mesmo banco e faz o que mais gosta: sentir no rosto o calor do sol e perceber as pessoas a sua volta. Com olfato aguçado, consegue identificar a posição dos outros. Quando alguém está de costas, o cheiro é de pó nas roupas; de lado, é de suor; e de frente, é dos alimentos que come. Cheiros, sons e emoções narram a história de um garoto cego no curta *O Branco*. ●

FOTO: DIVULGAÇÃO



A vulnerabilidade do herói

DIA 17, 21H15. Diferente Como Todo Mundo: *Herói*.
Direção: João Pedone e Pedro Figueiredo.
Classificação: 14 anos.

No dia a dia de um super-herói, meias se tornam luvas, uma toalha sobre os ombros vira capa e uma cueca na cabeça se transforma em máscara. As peças de roupa, todas recolhidas do varal, fazem parte da fantasia de Vinícius, um adolescente deficiente mental que gosta de passar o tempo vestido como herói, assistindo televisão e brincando em seu universo particular. Sob os cuidados de uma empregada doméstica sem preparo para lidar com suas limitações, o garoto tem de enfrentar sozinho em sua rotina grandes vilões, como maus tratos e abusos. A vulnerabilidade e os desafios vividos por Vinícius são tema do curta-metragem *Herói*. Dirigido por João Pedone e Pedro Figueiredo, o filme participou do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo e integra a série Diferente Como Todo Mundo, ao lado de outras produções cuja narrativa aborda o cotidiano de portadores de deficiências físicas, mentais, com problemas de mobilidade ou de memória. ●

VINCENT CARELLI. CINEASTA E INDIANISTA.

Diretor fala sobre cinema e os desafios que ainda enfrenta na busca pelo respeito à cultura dos povos indígenas no Brasil.

Cinema nas aldeias



“Eu fugi da universidade. Fiz um ano de Ciências Sociais e li bastante sobre etnografia brasileira, mas não quis seguir a vida acadêmica”. Foi assim que o franco-brasileiro Vincent Carelli abandonou os estudos e abraçou o universo indígena. No final de 1979, fundou, com um grupo de antropólogos, o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), uma organização independente, sem fins lucrativos, destinada a apoiar projetos voltados aos índios. Carelli foi jornalista e fotógrafo das revistas *ISTOÉ* e *Repórter Três*, e do jornal *Movimento*. Também foi editor fotográfico e pesquisador do Projeto Povos Indígenas no Brasil e do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação. O registro dos povos nativos através da fotografia despertou em Carelli o interesse em produzir filmes. Foi o início da *Vídeo nas Aldeias*, ONG que criou em 1970 para formar cineastas indígenas e com a qual realizou uma série de documentários, como a trilogia *O Espírito da TV* e o documentário *Corumbiara*, sobre o massacre de índios isolados em Rondônia. Em 1999, recebeu o Prêmio Unesco pelo respeito à diversidade cultural. Hoje, aos 64 anos, Carelli vive e trabalha em Olinda, e é referência na luta pela causa indígena.

Você já morou em aldeia?

Sim, morei em muitas. O primeiro povo que conheci foram os Xicrim, um grupo caiapó localizado na bacia do rio Tocantins, no sul do

Pará, ao lado da Serra dos Carajás. Duas coisas de que me lembro quando aterrissamos lá, em 1969, me marcaram muito. Uma era o cheiro dos índios. Eles usam uma resina perfumada misturada ao urucum, no corpo e cabelo. Outra situação que me impressionou muito foi ouvir o choro das índias, que, emocionadas por rever os parentes que estavam longe, davam golpes de facão no topo da própria cabeça. Gritando de dor, em estado de transe, elas choravam lágrimas de sangue para expressar sua saudade.

Como essa experiência o transformou?

Tudo era tão novo para mim, que me provocou um sentimento de libertação. Explodiu minha bolha. De repente eu estava entrando em outros mundos, foi uma sensação libertadora. Esse choque cultural, com uma diferença radical na forma de se viver, é muito formador. Essa deveria ser a grande missão da escola, a descoberta do outro. Mais do que ensinar fórmulas matemáticas.

Como surgiu Instituto Socioambiental Vídeo nas Aldeias?

Ele surgiu nos anos 1970, quando eu trabalhava no Centro de Trabalho Indigenista, junto com outros indianistas e antropólogos. Nós reivindicávamos um movimento indígena mais autônomo, que lutasse por direitos e demarcações de terras. Batíamos de frente com





RAIO-X

VINCENT CARELLI
PARIS (FR)

Formação
Autodidata

Alguns trabalhos:

- Corumbiara (2009)
- As Hiper Mulheres (2011)
- O Mestre e o Divino (2013)
- Martírio (2014)



**“Os índios
estão nos dando
uma aula sobre
desobediência civil”**



“Trabalhar com o índio é aprender a sofrer derrotas e saber dar a volta por cima.”

“O cinema para mim é uma espécie de redenção; contar as histórias é uma terapia, uma desforra diante da impotência em relação às coisas.”

»»

a política do governo militar da época. Então, criei o Vídeo nas Aldeias, tanto para apoiar projetos culturais e formar cineastas indígenas no Brasil, quanto para produzirmos em parceria com eles. Durante muito tempo, tivemos apoio de um programa norueguês que deixou o país no ano passado. Gravamos vários filmes porque abrimos uma produtora comercial para ter acesso ao Fundo Setorial do Audiovisual, já que ele não contempla ONGs, e por conta do Estado de Pernambuco, onde estamos há 17 anos, que investe em cinema.

O que o cinema representa para você?

O cinema para mim é uma espécie de redenção. Contar as histórias é uma terapia, uma desforra diante da impotência em relação às coisas. É uma janela incrível para se tentar colocar algumas ideias no lugar certo. Para mim é fantástico ter encontrado uma maneira de contar histórias e poder falar desse mundo indígena, que é maravilhoso e eu tive o prazer de conhecer.

Por que falar sobre os índios?

Trabalhar com o índio é aprender a sofrer derrotas e saber dar a volta por cima. Entrei para o cinema sem querer. Em 1986, peguei uma câmera VHS pequena – era uma novidade. Eu só queria tornar disponível a imagem dos índios e ver o que gostariam de fazer com ela.

Como é a formação do índio cineasta?

É um processo livre e de autoconhecimento porque os índios querem ser reconhecidos dentro de sua cultura e ser identificados por sua etnia. Eles recebem equipamentos para começar um processo de filmagem, assistem às imagens feitas por outras aldeias como forma de estímulo para trabalhar em uma autodocumentação,

para mostrar quem são. Também assistem a produções clássicas, como os filmes de Charlie Chaplin. O processo de registro e filmagens resgata a memória dos povos, leva a indagações e valorização da ancestralidade.

Como é a produção de seus filmes?

No começo, fiz filmes sobre todo o processo. Entre os anos de 1980 e 1990, registrei como cada povo recebeu essas experiências, e fiz uma série. Depois, fui ensinar e fomentar produções feitas por eles. Hoje, meus últimos longas mostram que estou em outro momento, o de fazer um balanço pessoal de casos emblemáticos da política indigenista brasileira de que participei ao longo da minha vida. É uma retrospectiva histórica que nos leva a refletir sobre o que foi feito das nossas utopias de jovens indianistas e o que a história nos ensinou.

Ao longo do tempo, houve um aumento da visibilidade da causa indígena?

Houve um aumento progressivo. Neste momento político em que estamos desamparados, perdidos, os índios estão protestando, agindo e se manifestando. Há muitas exposições, grandes lideranças indígenas em evidência em vários campos das artes, como na literatura, que ganhou mais espaço. Sem falar na questão ambiental, que é um movimento mais amplo. Espero que essa onda não passe.

A distância existente entre os índios e a sociedade brasileira diminuiu?

Há uma interação muito maior, sobretudo no campo das artes. Também há um processo de descolonizar as universidades, possibilitando o acesso dos povos indígenas a elas. É um movimento positivo. A cultura do *apartheid*, que representava o domínio exclusivo do estado



VINCENT CARELLI EM TRÊS TRABALHOS

FOTOS: VINCENT CARELLI



■ *As Hiper Mulheres* (2011)



■ *O Mestre e o Divino* (2013)



■ *Martírio* (2014)

sobre os povos indígenas, acabou. Agora os índios conquistaram sua independência e estão na luta, construindo redes de aliança com muito mais interação na sociedade brasileira.

Você acha que ainda há uma apatia social diante da causa indígena?

São tantas as coisas que tentamos priorizar, que acabamos não reagindo diante de nossas causas. Todos nós somos índios neste momento no país, entregues ao Congresso e ao Supremo. Nós nos mobilizamos pouco pela nossa causa, e os índios estão nos dando uma aula sobre desobediência civil.

Falta espaço para o índio no cinema e na TV?

Sim, falta em todas as áreas. Não há políticas públicas que se dediquem a lutar pela presença do índio e do negro. Embora a causa negra esteja mais articulada que a indígena, ela ainda está lutando por espaço.

Como é trabalhar a temática indígena através do cinema no Brasil?

Ainda existe muito preconceito, mas a gente chega lá. Quando participamos de alguns festivais, as pessoas reagem. É como se não tivéssemos permissão para estar lá. Fomos para o Festival de Gramado e alguns jornalistas disseram que nosso filme deveria estar em outro lugar. O meu trabalho sempre foi de romper esses compartimentos. Fazer cinema é difícil em qualquer parte do mundo, dá muito trabalho, mas é muito prazeroso, e isso é o mais importante.

Qual é a receptividade de seus filmes no Brasil e no exterior?

Meu último filme, *Martírio*, está sendo aceito no Brasil de maneira fantástica. Não pensei que marcaria tanto o público. Com um documentário sobre índios atingimos a expressiva marca de 7 mil espectadores. Há uma audiência grande em aldeias, universidades, ocupações e cineclubes. O filme quer fazer uma retrospectiva da relação do Estado brasileiro com os povos indígenas, que é de dominação e conquista colonial, com uma prepotência civilizatória. E ao mesmo tempo é um retrato da classe política que tomou o poder. ●

Gilberto Mendes e a Música Nova

Marcelo Machado foi pioneiro na produção de vídeos experimentais na produtora Olhar Eletrônico, na década de 1980. Realizou trabalhos na televisão e publicidade nos anos de 1990. Como diretor de cinema e televisão, dirigiu as séries *A Verdade de Cada Um*, para o canal NatGeo, e *Os Sons da Orquestra*, para o Selo SESC, além do documentário de longa-metragem *Tropicália*, premiado e distribuído internacionalmente. Neste ano lançou *O Piano Que Conversa*, documentário que recebeu prêmio de público do Festival In Edit Brasil.

por Marcelo Machado

A primeira impressão que tive do CD *Música Nova*, lançado pelo Selo SESC, foi de uma música árida, difícil. Não é uma escuta fácil a da música contemporânea que, como sabemos, poucos ouvem. Jack Fortner, maestro norte-americano que regeu o Ensemble Música Nova nessa gravação, se compara aos dinossauros e se considera fazendo um tipo de música quase extinta. Convidado pelo SescTV para gravar o concerto de lançamento desse CD, fui ouvindo mais e mais o repertório, de forma que ele fosse ficando primeiro quase familiar e depois muito íntimo. Entrevistando os compositores ou lendo sobre eles – Gilberto Mendes, Leonardo Martinelli, Silvio Ferraz, Paulo Costa Lima e o próprio Jack Fortner – é que fui conseguindo que as formas musicais se revelassem e me fossem instigando e emocionando, e abrindo a porta para esse universo que eu mais tateio do que propriamente conheço.

Logo de início, minha proposta foi abordar de forma documental o concerto e criar espaço para algum esclarecimento sobre que música é essa e quem são esses músicos. Entendo meu papel na televisão como o de alguém que, intermediando, pode aproximar o público de novas músicas, de gêneros e de criadores até então desconhecidos. Nesse caso, a sorte foi ter como guia o próprio maestro e os compositores. Através de uma entrevista em sua morada paulistana, Jack Fortner nos apresentou Cris, sua esposa, que por sua vez lhe havia apresentado Gilberto Mendes muitos anos antes. Ouvir as histórias de um casal que se formou em torno do compositor e maestro santista foi a chave para a aproximação que eu pretendia. Mas antes esclareço: gravei o concerto de lançamento do CD que homenageia a última edição de um festival que se realizava desde 1962 em Santos. O maestro, professor e

compositor Gilberto Mendes, natural daquela cidade, foi seu idealizador. Com a morte dele, em 2016, também o Festival de Música Nova desapareceu. Com a ideia de ser um espaço de divulgação para artistas de vanguarda na época, o evento surgiu a partir do movimento Música Nova, cujo manifesto teve, como um dos signatários, o músico. Ao longo de suas 50 edições, o festival passou a servir como vitrine da música contemporânea brasileira, em especial as de caráter experimental, e buscou dar espaço a compositores fora das salas de concerto tradicionais. Sua influência atingiu movimentos importantes na música brasileira das décadas seguintes, como a Tropicália e a Vanguarda Paulista.

Tenho mais familiaridade com a música desses dois últimos momentos (ou movimentos) do que com a Música Nova. De qualquer forma, a ideia de uma vanguarda sempre me atraiu. Trabalhando o repertório do documentário, fui percebendo nuances que relativizam a ideia de estar na frente e valorizam mais o experimentar. Sobre isso, na edição de 2014 Gilberto e companheiros publicaram um novo manifesto, “A Música Nova e a Polifonia de Notre Dame ao Século XXI”. Ali, eles falam sobre as diferenças entre experimentalismo e vanguarda. Citam Umberto Eco: “Toda verdadeira invenção artística é experimental em todos os tempos e lugares”. E arrematam: “O experimentalismo é uma postura incansável de mudança e autossuperação. Neste mesmo sentido, já distante da rigidez da velha vanguarda e aberto à música nova de todos os tempos, o FMN permanece experimental, porque entende que nossos tempos são dos sistemas abertos, bem como dos diálogos entre os sistemas”.

Diria que me sinto em casa, ouvindo essa afirmação. Meu percurso pelo audiovisual tem sido de diálogo entre sistemas, de aprendizado em diferentes territórios, e me sinto, também, distante da rigidez de uma vanguarda. Percebo especialmente o que eles chamam de “abertura à música nova de todos os tempos”, na peça “Ulisses em Copacabana”, do próprio Gilberto. Ouça-a no documentário – a composição deixa claro, não preciso explicar. E se você tiver dúvidas, assista à versão completa do concerto, que chamamos de *Música Atemporal – Homenagem a Gilberto Mendes*, concerto que será exibido este mês no SescTV. Recorro mais uma vez ao manifesto de 2014: “... houve certa precariedade filosófica na geração dos compositores da vanguarda autoproclamada. Permaneceram na superfície de uma autoídiolatria tanto excêntrica quanto excludente. Assim, esqueceram-se do mundo. Não é por menos que também o mundo se esqueceu deles e nem cabe aqui lembrá-los mais na condição de único caminho para a música nova. Ao contrário, vamos agora nos lembrar também daqueles que eles tentaram esquecer”.

Agora que sei um pouco mais, já não sinto as músicas de Jack Fortner, Leonardo Martinelli, Silvio Ferraz e Paulo Costa Lima áridas ou difíceis. Minha capacidade de escutar o novo evolui à medida que me informo sobre o que estou ouvindo, e amplia-se sempre que tenho a oportunidade de trabalhar com novas músicas. E uma música nova – percebo agora – pode ser antiga. Por isso, acredito que se os compositores experimentais um dia se transformarem em dinossauros, como me disse o maestro, minha tendência será visitar os museus de história natural em busca das ossadas, ou fazer arqueologia musical, para entender o meu tempo ou conhecer o futuro. ●



Dia 20, 21h

ZAMBA

Instrumental Sesc Brasil/Passagem de Som. Direção para TV: Max Alvim. Classificação: Livre.

O grupo Zamba mescla sonoridades africanas e latino-americanas como o *groove*, o *batuque* e o *jazz*. Seu projeto musical promove o intercâmbio artístico e discute memória, ancestralidade, consciência social e tradições musicais.

Dia 8, 17h30h

SEMANA DE 22

Na Sombra da História.
Direção: João Batista de Andrade.
Classificação: Livre.

Liderada por diversos artistas como Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade, a Semana de Arte Moderna, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, em 1922, foi um importante movimento estético-cultural inspirado na Antropofagia, que questionava a identidade brasileira e sua influência na vanguarda artística europeia. No episódio da série Na Sombra da História, o movimento é apresentado e debatido nas ruas do Centro Histórico de São Paulo.

Nos intervalos

LINIKER

Compacto. Direção: Max Alvim. Classificação: Livre.

“Sou um menino negro de Araraquara, pobre, que estudou a vida toda em escola pública, gay e filho de mãe solteira que o pai não criou”. Essa é a história da cantora e compositora brasileira Liniker, que obteve repercussão mundial com o lançamento de suas primeiras composições na internet. Na série Compacto, ela conta sua trajetória artística e explica que suas composições e sua personalidade não-binária são uma forma de resistência contra o preconceito.



FOTO: DIVULGAÇÃO



Dia 16, 22h

**ROBERT GLASPER
EXPERIMENT**

Especial Musical.
Direção para TV: Daniel dos Santos.
Classificação: Livre.

“Meus álbuns nunca terminam como planejados, eu sempre permito que o universo coproduza todos eles”, conta o compositor, produtor e pianista norte-americano Robert Glasper. Vencedor do Grammy em 2012 e 2015 com os álbuns *Black Radio* e *Jesus Children*, Glasper foi convidado para compor a trilha sonora do documentário sobre Miles Davis, que lhe rendeu seu último trabalho *Everything's Beautiful*. Em passagem pelo Brasil, o músico se apresentou no Festival Jazz na Fábrica, em 2016.

Dia 19, 13h30

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Coleções – Palcos Brasileiros. Direção: Belisario Franca. Classificação: Livre. Inaugurado em 1911 pelos arquitetos Ramos de Azevedo, Clovis Rossi e Domiziano Rossi, o Theatro Municipal de São Paulo foi criado para os barões do café assistirem a concertos e óperas. Hoje, o espaço é um ícone da cidade e integra o Centro Histórico de São Paulo.

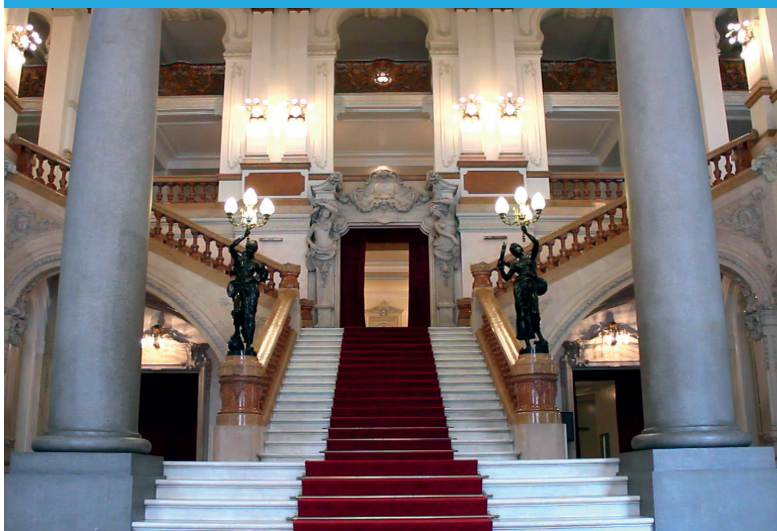


FOTO: GIROS PRODUÇÕES



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Disponível gratuitamente.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim e Eloá Cipriano

EDITORIAÇÃO

Aline Gomes Soares

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fraay e Veridiana Piccinini



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Sidênia Freire

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Heloisa Ururahy

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

DIVULGAÇÃO

Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sesctv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sesctv.org.br



/sesctv



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sesctv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sesctv.org.br

NO MONTA-IMPUNE MENTE

um documentário de
Cristiano Burlan

em setembro



11RADA FESTIVAL
IBERO-AMERICANO
DE ARTES
CÊNICAS DE
SANTOS
8-18 SET 2016

Assista online:
sesctv.org.br/aovivo

f t You Tube g+ /SESCTV